

# A ALIMENTAÇÃO, SUAS PERSPECTIVAS EM FACE DA PAZ E DA GUERRA

HÉLIO VECCHIO ALVES MAURÍCIO

*Neste trabalho examina o autor as perspectivas da alimentação num mundo de paz e de guerra. Aponta a ameaça da superpopulação, estuda a evolução da agricultura da sua etapa rotineira à da "agricultura industrial". Traça um panorama da alimentação e de seus progressos no presente e no futuro.*

*Encerra o artigo com o capítulo — Alimentação e guerra — onde são ressaltados os contrastes de um mundo com dois terços de subnutridos, mas exorbitantemente armado. Insiste finalmente na impossibilidade de continuarmos numa política de fome e de guerra e demonstra o horizonte imenso que existe na aplicação dos progressos da técnica agrocientífica e dos recursos bélicos numa política alimentar cooperativa e de paz, capaz de bastar ao mundo subalimentado.*

## ALIMENTAÇÃO E POPULAÇÃO

VIVEMOS num mundo com dois terços de mal alimentados. Um tendência vem agravar êste sério problema alimentar — é o do aumento da população terrestre. Tal aumento cria uma ameaça verídica para os recursos alimentares particularmente em certas zonas e é a questão que hoje mais preocupa os sociólogos e economistas.

Efetivamente, há menos de quatro séculos passados a população do globo orçava em 300 a 400 milhões de seres, ou seja 10 vêzes menos que a atual; isto foi nos limites de

1600 e já dois séculos depois assistimos a uma duplicação daqueles números com o alcançar dos 800 milhões em um século, para depois novamente dobrá-los, atingindo um bilhão e meio de habitantes no começo de 1900. Agora, nos últimos 60 anos, a humanidade de novo duplica seu número para entrar na casa dos 3 bilhões, prevendo-se que o início do novo século nos vá encontrar com 6 bilhões de bôcas a alimentar. Calculando-se que o crescimento populacional tenha um ritmo mínimo de 1% ao ano, em 2150 estaremos com 17 bilhões de seres, ou seja, *em 200 anos teremos multiplicado por seis vezes o número de seres humanos*. Mas convém chamar atenção que a taxa de crescimento na América do Sul e outras áreas subdesenvolvidas tem sido bem maior, de cerca de 2,5%, o que pode levar a aumento ainda mais sério. Dêste modo a superlotação de um mundo com 17 bilhões de habitantes nos futuros duzentos anos, longe de ser um exagêro, pode até ser ultrapassada.

*Agricultura atrasada e industrial*. Que poderá, entretanto, oferecer a agricultura para enfrentar a sobrecarga populacional que se anuncia e garantir melhores índices de nutrição social?

De início há de se distinguir entre duas agriculturas completamente distintas — a agricultura manual, rotineira, do jeca (da enxada, foice, machado) e aquela agricultura industrial, moderna, do agricultor adiantado e da máquina. As duas se distanciam fundamentalmente em meios e divergem, particularmente, no que toca à produtividade. Enquanto um roceiro da enxada obtém como produto o capaz de bastar a dois homens, o que participa da "indústria agrícola" é capaz de ter um produto que abastece 10 a 20 pessoas.

Quais as conseqüências da evolução agrícola que presenciaremos?

Criou-se uma verdadeira fronteira entre os que aplicam os métodos industriais à agricultura e os que não os possuem. Os países desenvolvidos podem alcançar produção abundante, suficiente e com sobras para exportação; há maior rendimento, menor esforço e menor população agrícola. Os países da agricultura de antanho e subdesenvolvidos, ao contrário, não conseguem produção suficiente em-

bora se esforcem mais e empreguem no trabalho agrícola mais gente. A mão-de-obra agrícola, por exemplo, é de 55% da população ativa da América Latina subdesenvolvida, ao passo que só atinge 13% na América do Norte e 20% na Europa Ocidental. Apesar de sua menor população na agricultura, os Estados Unidos bastam a si mesmos e teriam, se quisessem, excedentes para abastecer o mundo inteiro. Fornecem assim 32% do total do produto agrícola de todo o mundo (embora tenham menos de 10% da sua população total), enquanto a América do Sul continua a viver com insuficiência de alimentos. Mas se formos comparar o uso dos fertilizantes, índice duma agricultura evoluída, a América e a Europa gastam de 80 a 90% do total mundial; por outro lado os países desenvolvidos utilizam 85% da energia mundial, o que é absolutamente expressivo.

IIá, em resumo, uma tendência para a mecanização e racionalização de tôdas as etapas do trabalho na agricultura industrial com poupança do trabalho humano; são mais tratores, segadeiras, transportadoras, ensacadoras, descaroçadoras, fumigadoras, usinas de beneficiamento e de exploração de subprodutos. Têm aplicação na agricultura industrial tôdas as técnicas provenientes dos aperfeiçoamentos científicos — estudos do solo, sua composição, reposição e enriquecimento; adubação mineral e orgânica; prospecção, aproveitamento de água do subsolo e outras feições de irrigação; combate à erosão, reposição de solos erodidos; aproveitamento de solos fracos e de regiões semi-estéreis; sementes selecionadas e de maior rendimento e mais resistentes às doenças; melhor alimentação para o gado; ração científica e em larga escala para pequenos e grandes animais; melhoria de rebanhos; contrôle de pragas e doenças vegetais e animais; aperfeiçoamento em silos e pastagens; reflorestamento e proteção de culturas; novos métodos de colheita, transporte, acondicionamento, frigorificação, armazenamento e distribuição; herbicidas, inseticidas, fungicidas; expurgo sistemático; novos e importantes meios de emprêgo da energia mecânica e da colaboração entre a ciência e a agricultura. Esta aliança ciência-agricultura, inexistente praticamente em países atrasados e de cultivo rotineiro, é essencial e vai garantir o au-

mento quase imprevisível do elemento hoje fundamental em qualquer setor de produção agrícola ou industrial — a já referida *produtividade*.

Assim os Estados Unidos em 15 anos conseguiram aumentar em um terço a produção de suas fazendas, em 40% a das lavouras de subsistência, em 20% a da pecuária, em 30% a colheita leiteira e produziram alimentos para mais 50 milhões de pessoas, embora empregando 10% a menos de gente no campo.

Uma série de avanços atuais em alimentação já se encontra parcial ou totalmente integrada produzindo bons efeitos. Citemos assim o emprêgo de alimentos pré-cozidos e outras práticas de semipreparação a facilitar a manipulação e confecção; os progressos em frigorificação ("freezers") garantindo uma prolongada conservação; o uso de antibióticos proporcionando segurança na preservação, em particular das carnes, a "industrialização" na criação de pequenos animais, o contínuo aperfeiçoamento da indústria alimentar e sua exploração intensiva, o desenvolvimento da pesca como fonte protéica, etc., etc.

Com a ciência poderemos também, além de multiplicar as colheitas, ganhar solos tropicais, subpolares e semidesérticos numa proporção de cerca de 28% da superfície terrestre e incorporar 360 milhões de hectares às áreas cultivadas. Um exemplo nosso de recuperação de terras cansadas é a das antigas áreas cafeeiras do Estado do Rio e São Paulo, tanto tempo abandonadas e hoje de novo em processo de utilização proveitosa por recursos técnicos. Israel, no exterior, é também um exemplo da ciência que plantou um verdejante jardim num deserto de outrora, produzindo alimentos para sua população.

Infelizmente, entretanto, esta produtividade é baixa nos países subdesenvolvidos muitos deles também superpovoados, como os asiáticos. Nestes países teremos ao lado da falta de técnica, falta de capital, propriedades demasiado grandes ou demasiado pequenas, de escassa renda (latifúndios ou minifúndios), concentração de atividade agrícola e econômica em zonas melhores ou do litoral, debilidade de transportes, energia, educação e saúde, baixo nível de vida e

de alimentação. Quanto à alimentação, estas áreas se caracterizam por deficiências quantitativas (valor calórico) e qualitativas (em alimentos protetores); o regime é baseado em alimentos baratos de origem vegetal, pouco nutritivos (hidratos de carbono), só servindo para manter a máquina humana a trabalhar (alimentos energéticos) mas não lhe dando resistência às doenças e bom estado de saúde. Na Índia, por exemplo, 74% dos alimentos são de origem vegetal. É o "achinesamento das dietas" de que fala JOSUÉ DE CASTRO e cujo exemplo clássico é o das populações vivendo predominantemente de arroz, milho, mandioca, etc.

Os salários também são baixos e 80% do que ganha o homem é empregado para comer e comer mal. Nestes países o estado de saúde é precário, a média de vida é de menos de 40 anos e há uma sobrecarga do excesso de população improdutiva (crianças etc.) sobre a população produtiva. Enquanto que nos países de boa produtividade a produção agrícola supera amplamente o crescimento da população, nos outros há um escasso equilíbrio ou deficiência. Chama-se a isto coeficiente agrobiológico, o qual, se é inferior à unidade, significa *deficit* de alimentos colhidos para alimentar as multidões humanas que se desenvolvem mais e isto quer dizer — fome. A renda individual nos países pobres é pequena, há pouca indústria e a agricultura é atrasada. O povo que deve "comer" 3.000 calorias chega a comer 2.000 a 1.500 ou seja 2/3 ou metade do normal para sustentar-se. Em face desta realidade o futuro é um contraste.

*Alimentação e o futuro.* Que meios nos aponta o futuro para a alimentação? São êles realmente extraordinários. Vejamos alguns, portanto. As reservas marinhas de alimentos estão praticamente intatas. Para se ter uma idéia dos recursos enormes do mar basta se dizer que a vegetação do mar tem em carbono fixado acima de 135 bilhões de toneladas, enquanto a das florestas e glebas cultivados da terra não chegam a passar de 16 bilhões. A água do mar assim é capaz de produzir 8,5 vezes mais matéria orgânica que a superfície terrestre. Mas esta matéria orgânica pode ser aproveitada na alimentação? Quer no fundo, junto a seus rochedos e abismos (de origem bentônica), quer na sua superfície

(de origem planctônica), os mares são fontes de alimentos, pois ocupam 3/4 da superfície terrestre, ou seja, 361 milhões de quilômetros quadrados, ao contrário das terras, em que temos área três vezes menor, ou seja, 149 milhões. O rendimento mundial da pesca, atualmente de 1% da produção alimentar, pode ser multiplicado de dezenas de vezes. Os peixes marítimos vivem de vegetais e animais microscópicos existentes nos mares que podem ser aproveitados, e entre os vegetais sobressaem as algas, particularmente a alga verde ou chorela. Estas algas (bentônicas ou planctônicas) são alimentos ricos em vitaminas A, C e complexo B e têm de 30 a 50% do seu pêso sêco em proteínas: seu conteúdo em vitamina B<sub>12</sub> é comparável ao do fígado dos peixes. As algas já são usadas como conserva, matéria para sorvetes e doces, adubos e bem assim na indústria médico-farmacêutica, tendo sua utilização começado no Oriente. Podem elas também servir de alimento a células de lêvedo e permitir o estabelecimento de uma cadeia alimentar de primeira ordem — "chorela" e leveduras — capaz de produzir proteínas e gorduras e, segundo MATER, de alimentar milhões de pessoas.

A criação de algas, moluscos, crustáceos e peixes comestíveis em tanques, tanto de água doce como salgada, constitui uma fonte extensíssima de alimentos. Já foi dito com razão que "a pesca moderna" se transforma cada vez mais numa "agricultura marítima".

As possibilidades em "fabricar" alimentos sintéticos são também positivas e começam a ser exploradas. O cultivo de um lêvedo (torula) alimentado com melaço permitiu na Jamaica a uma fábrica obter 5 toneladas de proteínas por dia, a preço baixo. As gorduras e óleos sintéticos alimentaram a Alemanha durante a guerra, bloqueada que estava e impedida de se bastar do suprimento natural. Caminha-se a largos passos para tôda uma *indústria de laboratório de alimentos*.

*Agricultura de laboratório.* A agricultura na água, com o cultivo de plantas hidropônicas que vivem em solução enriquecida, é o primeiro passo para a agricultura sem solo; o uso de hormônios de crescimento, quer em plantas, quer em

animais, é outro aspecto do laboratório condicionando a biologia.

As "fazendas" de laboratório com temperatura, umidade, sais químicos e tanques plásticos de baixo custo permitiram ao homem dominar as condições naturais do solo, calor e chuva. Mas o extraordinário é a síntese completa em laboratório de alimentos partindo do azoto da atmosfera, de matérias-primas do carvão, petróleo, madeiras e sais minerais. Outro aspecto interessantíssimo é a possibilidade franca que oferece a desidratação de alimentos, permitindo reduzir extraordinariamente seu volume sem prejuízo do seu valor, o que é de importância em matéria de utilização em certas circunstâncias como sejam: solicitação de transporte barato e de armazenamento fácil. Estes alimentos desidratados podem ser reconduzidos em cinco a dez minutos a seu gosto e aparência normal com água quente; assim se fez com as carnes, frutas, verduras, etc. O alimento também pode ser ingerido em pílulas sendo seu sabor muito razoável. O quilo de carne desidratada representa 25 vezes seu peso do produto natural. Come-se ou pode-se comer tudo em tabletes, em expedições, operações militares, etc.

A ciência também multiplica alimentos influenciando na sua maior produção e facilitando a sua conservação; estuda novas fontes de proteínas baratas dos vegetais; enriquece alimentos com vitaminas, ferro e proteínas, aclimata plantas, adapta e "cria" solos, modifica espécies e dinamiza a produção.

Não há limites assim para os progressos tecnológicos da agricultura industrial e da ciência que são hábeis para resolver agora e no futuro as necessidades duma humanidade em rápida expansão populacional. Os impedimentos para gozar tais progressos são de ordem econômico-social exclusivamente. Entre estes avulta de importância a guerra.

#### A ALIMENTAÇÃO E A GUERRA

*Opção entre o estômago e o canhão.* É qual seria a relação ou o antagonismo entre alimentação e guerra?

Firma-se hoje cada vez mais a convicção de que o mundo tem que dar resposta às questões — canhão ou man-

teiga, pão ou guerra. Foram estas as mesmas perguntas lançadas por HITLER ao povo alemão e tão trágicamente respondidas por ele próprio com a provocação da luta que ensanguentou a terra e a afundou na miséria, no sofrimento e na fome.

A decisão entre alimentar o mundo ou consumir em armamentos recursos disponíveis é uma questão que mais e mais se impõe para ser resolvida pelos seus mais altos dirigentes.

O alto custo dos armamentos e o seu constante aperfeiçoamento tornaram hoje a guerra uma corrida proibitiva entre os grandes países. Só êstes, e mesmo assim com imensos sacrifícios, conseguem se armar de modo atualizado. Basta para isto observar que até o momento só quatro países conseguiram entrar na era atômica, ou melhor, no clube atômico da guerra. Evidentemente, se as imensas fortunas lançadas em armamentos sofressem pelo menos uma limitação em seus gastos, haveria uma larga margem de disponibilidades para melhorar o índice de alimentação, desenvolver o estágio industrial e subir o padrão de vida de uma grande parte da humanidade.

Por outro lado, o apocalíptico progresso das novas armas num conflito total arrasaria a humanidade, podendo reduzi-la à situação de extrema penúria. Tal situação de certo se acompanharia, além de um desbarato incalculável de vidas, da destruição e contaminação da maior parte das culturas e estoques alimentares. Aliar-se-ia, assim, nesta previsão óbvia, a hecatombe da guerra à hecatombe da fome.

\* \* \*

Há, sob outro aspecto, na conjuntura da guerra ainda um antagonismo básico no que respeita à possibilidade de resolver os graves problemas alimentares do mundo. É que a política de guerra se baseia na extremação de antagonismos, no acirramento de ânimos, na formação de blocos econômicos, políticos, partidários e militares que contrariam fundamentalmente uma política alimentar cooperativa.

Ora, em matéria de alimentação visa-se cada vez mais, como se aludiu, a uma política universal de maior produção

de gêneros intensiva e extensivamente, uma mentalidade mais flexível em matéria de trocas, compensações e colocação de excedentes. Pensa-se numa modalidade de trabalho que procurará desenvolver no mundo inteiro e particularmente nos países subdesenvolvidos uma produção agro-industrial crescente e mais adiantada, com maior produtividade. Pretende-se dêste modo fugir a uma maneira de pensar rígida e exclusivamente comercial em política alimentar. Mas a guerra, ou a simples tensão de guerra, não permitirão aos contendores um entendimento em matéria política, comercial ou alimentar.

A natureza da industrialização é outro ângulo do antagonismo — pão *versus* guerra. Realmente a indústria que se monta para suprimentos de guerra não se presta a fornecimento de paz. Roubam-se assim esforço, maquinaria e mão-de-obra preciosas na indústria de guerra que podiam estar empregadas no esforço de paz, inclusive na exploração agrícola ou na indústria alimentar.

Há a se considerar também o mal que representa uma produção de armamento, ela própria a lançar lenha na fogueira da guerra. Empregando-se mais e mais dinheiro em armamento, aperfeiçoando armamentos, um armamento superando outro, criam-se armas terríveis mas geram-se também os monstros do medo, do pavor, da disputa, da política baseada na força, que um dia podem não mais se deixar controlar. Acabará, assim, o armamento neste futuro que pode ser negro, por dominar o homem, obrigando-o talvez a usá-lo, mesmo a contragosto, qual monstro fabricado, para justificar sua presença, suas qualidades mortíferas numa guerra suicida para ambos os lados.

CARREL desenvolveu, de outro lado, uma idéia fatalista da guerra para concluir afinal que, embora terrível, ela é conseqüência do desequilíbrio entre o progresso material e o progresso espiritual do homem. Daí, se não podemos à nossa vontade nos desenvolver espiritualmente, a guerra é uma conseqüência irrecusável das nossas deficiências.

Entretanto, embora com nossa limitação espiritual ou não, a guerra não pode continuar e todos os homens de

algum senso moral devem procurar com tôdas as fôrças colocá-la fora da lei.

É certo que os historiadores e militares argumentam também com a explicação da guerra como uma tradição milenar e uma forma agressiva de resolver contendas, própria do ser humano e vigente desde que o mundo é mundo.

Uma série porém de fatores absolutamente novos como a certeza da guerra atômica em que não há vencedores, só há vencidos, a estupidez da hecatombe em que tôda a humanidade se engolfará, a apocalíptica eficiência das armas novas põe o homem em face da guerra — natural ou não, histórica ou não, decorrente ou não de sua imperfeição espiritual — como diante dum caminho que não pode mais ser trilhado de modo algum. De acôrdo com a extraordinária *Pacem in Terris* o próprio sacrificio econômico representado pela corrida armamentista já fugiu estritamente do domínio agressivo da guerra em si. Procura-se assim com imensos arsenais garantir o prestígio de países, homens, ideologias políticas e grupos como se tudo isto também não corresse a ameaça de perecer no aniquilamento geral que pára dramaticamente sôbre as nossas cabeças.

Acresce também que novas necessidades humanas se apresentam, mostrando para onde deve o homem encaminhar o seu engenho, a sua capacidade de construir em vez de destruir, fugindo do caminho da guerra para voltar ao da paz. Não da paz duvidosa dos políticos, mas da paz verdadeira desta que é desejada pelas mães que geram os filhos, pelos sábios que estudam os problemas, pelas crianças que crescem, pelos santos que oram, por todos que acreditam numa forma de amor a seu próximo em vez de odiá-lo.

Um dos aspectos mais sensacionais que poderia oferecer um mundo sem guerra seria um mundo sem fome. Há algo de demagógico nisto?

Provada à evidência que uma política de guerra à base da retirada violenta de vantagens de uns contra outros não mais obtém estas vantagens, mas levará certamente o mundo a um cataclismo no qual se afundarão os dois contendores e todos nós, vejamos qual o panorama se a guerra pudesse ser abolida.

Há, na realidade, hoje, dado o altíssimo preço do armamentismo, conforme se referiu, uma situação de verdadeira escravidão do mundo aos orçamentos bélicos. Ou, em outras palavras — o mundo já não tem meios mas continua, embora de maneira absurda, no caminho da compra e aperfeiçoamento dos armamentos por cifras cada vez mais altas.

A soma dos dois orçamentos militares da Rússia e dos Estados Unidos é de 140 bilhões de dólares, algo de fabuloso. A guerra hoje é de tal modo proibitiva que só as chamadas potências de primeira ordem podem suportar, apesar dos enormes sacrifícios, seus gastos enormíssimos. O que não dizer dos países pobres que gastam o que não podem gastar e vivem com seus imensos problemas primários do comer, do vestir, do educar, do progredir . . .

Vê-se, pois, nitidamente terem absoluta razão os grandes pensadores quando dizem que o mundo está diante do dilema — guerra ou pão.

De fato, um mundo com dois terços de mal alimentados não pode literalmente gastar (e a isto não tem direito decente) um terço, a metade do que produz em despesas de guerra. No entanto este mesmo mundo tem à sua disposição recursos para criar uma época de ouro para todos, se quiser antes de mais nada trabalhar e se entender em paz. Há, portanto, um antagonismo patente entre política de guerra e política de paz como há entre a política de insuficiência e isolamento, de cooperação e abundância alimentar e duma maneira semelhante entre política de atraso e injustiça e a de expansão social.

*Egoísmo suicida ou suficiência alimentar? Abre-se assim para a humanidade como um caminho perfeitamente possível o da alimentação da abundância, como também é o do progresso pacífico.*

Acresce não ser mais imperativo uma humanidade mal alimentada ou em guerras periódicas o que é somente o fruto de um egoísmo suicida, de uma atitude estúpida e isolacionista. Não se pode compreender e admitir, portanto, uma política de fome e uma política de guerra.

E do mesmo modo que a humanidade tem direito a vida e este direito lhe deve ser garantido para não sucumbir

nas mortandades periódicas das guerras, impõe-se ter assegurado o direito a subsistência — o *direito de comer*<sup>1</sup> ou mais precisamente — os direitos de poder viver e de poder comer,<sup>2</sup> . . .

Enquanto porém não preponderar uma mentalidade social e universal, enquanto não juntarmos os poderosos meios de que dispomos para alimentar e fazer prosperar a humanidade em paz, continuaremos à assistir, apesar dos progressos científicos, o triste panorama da subnutrição, da miséria, da fome e da guerra.

#### BIBLIOGRAFIA

- BORGES, P., *Estudo Econômico e Social do Nordeste — Desnutrição e Endemias*, Arq. Bras. Nutr., vol. 14, n.º 2 (1958).
- CASTRO, J. DE, *Geografia da Fome*, Emp. Gráfica "O Cruzeiro" (1947).
- CASTRO, J. DE, *Geopolítica da Fome*, Liv. Edit. Casa do Estudante do Brasil (1951).
- CASTRO, J. DE, *O Livro Negro da Fome*, I.B.G.E. (1957).
- COLL, P. I., L., *Aspectos Sociales de la Nutrición*, Arch. Venez. de Nutr., n.º 1 (1961).
- GOULART, J. B. M., *Discursos*, IX Conferência Rural (1962).
- JOÃO XXIII, *Mater et Magistra*, Encíclica (1961).
- MAURÍCIO, H. V. A., *Fome, Dura Realidade*, Arq. Bras. Nutr., vol. 13, n.º 2 (1952).
- KENNEDY, J., *Discursos* (1961).
- MAURÍCIO, H. V. A., *Nutrição e população*, Arq. Bras. Nutr., vol. 16, n.º 2 (1960).
- PIO XI, *Quadragesimo Anno*, Encíclica (1931).
- MAURÍCIO, H. V. A., *Nutrição da abundância, nutrição da miséria*, Arq. Bras. Nutr., vol. 17, n.º 1 (1961).
- MACHADO, A. A., *A atividade produtora e o desenvolvimento da população*, Rev. Cons. Nac. de Economia, n.º 3, Ano X (1961).
- LAVERGNE, B., *Absurdité des armements modernes et refus des Etats-Unis de désarmer*, *L'Année Politique et Économique*, 36 Année, n.º 172 (1963).
- MYRDAL, G., *Saúde e Desenvolvimento*, Rev. Econ. Bras., ns. 3 e 4, vol. V (1959).
- MAGALHÃES, M., *Saúde e Desenvolvimento*, Trabalho apresentado ao XV Congresso Brasileiro de Higiene reunido na cidade do Recife (1962).
- BORGES, P., *Alimentação e Desenvolvimento Econômico*, Trabalho apresentado ao XV Congresso Brasileiro de Higiene reunido na cidade do Recife (1962).

<sup>1</sup> Todo indivíduo tem direito a um nível de vida adequada que lhe assegure, assim como à sua família, a saúde, o bem-estar, a alimentação, o vestuário, a casa, a assistência médica e os serviços sociais necessários (art. 25 da Declaração dos Direitos do Homem).

<sup>2</sup> Temas discutidos pelo Comitê de Juristas Internacionais das Nações Unidas. — O ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida, os quais são especialmente a nutrição, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência sanitária, os serviços sociais indispensáveis (Da encíclica *Pacem in Terris* de sua Santidade JOÃO XXIII).